



Cira Arqueologia

N.º 6



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

MANUELA RALHA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

➤ As ânforas da *villa* romana do Alto do Cidreira (Alcabideche – Cascais)

GUILHERME CARDOSO CAL/CML (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA)/ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CASCAIS.

RESUMO

Apresenta-se um conjunto de fragmentos de ânfora recolhidos durante as escavações arqueológicas entre 1980 e 1982, na pars urbana e termas da villa romana no Alto do Cidreira, Cascais. Dos materiais deste sítio arqueológico já Jeannette U. Smit Nolen apresentou o estudo das cerâmicas finas e comuns.

Os exemplares encontrados têm origem na Lusitânia, na Bética, no Norte de África e no Mediterrâneo oriental, abrangendo cronologias entre o século I d. C. e o século VII d. C.. Serviram essencialmente para o transporte de vinho, azeite e derivados piscícolas.

ABSTRACT

We present a set of amphora fragments collected during archaeological excavations between 1980 and 1982, in the pars urbana and baths of the Roman villa in Alto do Cidreira, Cascais. The materials of this archaeological site already Jeannette U. Smit Nolen presented the study of the fine ceramics and common ones.

The specimens now presented appear to have origins in Lusitania, Betica, North Africa and the Eastern Mediterranean, covering chronologies between the first century d. C. and the seventh century d. C. They mainly served for the transportation of wine, olive oil and fish products.

Introdução

Localiza-se o sítio arqueológico à cota dos 100-110 m, na envolência do marco geodésico do João Cidreira, no Carrascal de Alvide, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. Assentam as ruínas sobre calcários, margas, intercalados com manchas de grés e bolsas de argila do Albiano-Cenomaniano.

As ânforas que se apresentam são provenientes das escavações que decorreram na área da pars urbana da *villa* durante os anos de 1980 a 1982, na parte superior, virada a sul da encosta do Alto do Cidreira, de onde ainda se observava em 1975, uma soberba vista sobre a baía de Cascais e a Serra de Sintra, hoje bastante entaipada por moradias ilegais construídas ao gosto e posses dos seus proprietários.

Longos séculos de lavoura, as escavações que Francisco de Paula e Oliveira ali realizou na década de 80 do século XIX e posteriores pesquisas que alguns curiosos ali efectuaram acabaram por revolver pontos do sítio arqueológico, inviabilizando uma antiga leitura estratigráfica integral de todo o espaço, após o seu abandono durante a Antiguidade Tardia.

Para exemplo, diga-se que, quando se escavou a sala identificada em HH'-4, se recolheram sobre a base os restos de uma candeia de azeite de folha-de-flandres, certamente dos finais do século XIX, enquanto na grande sala anexa a sul, em HH'-9, se descobriram

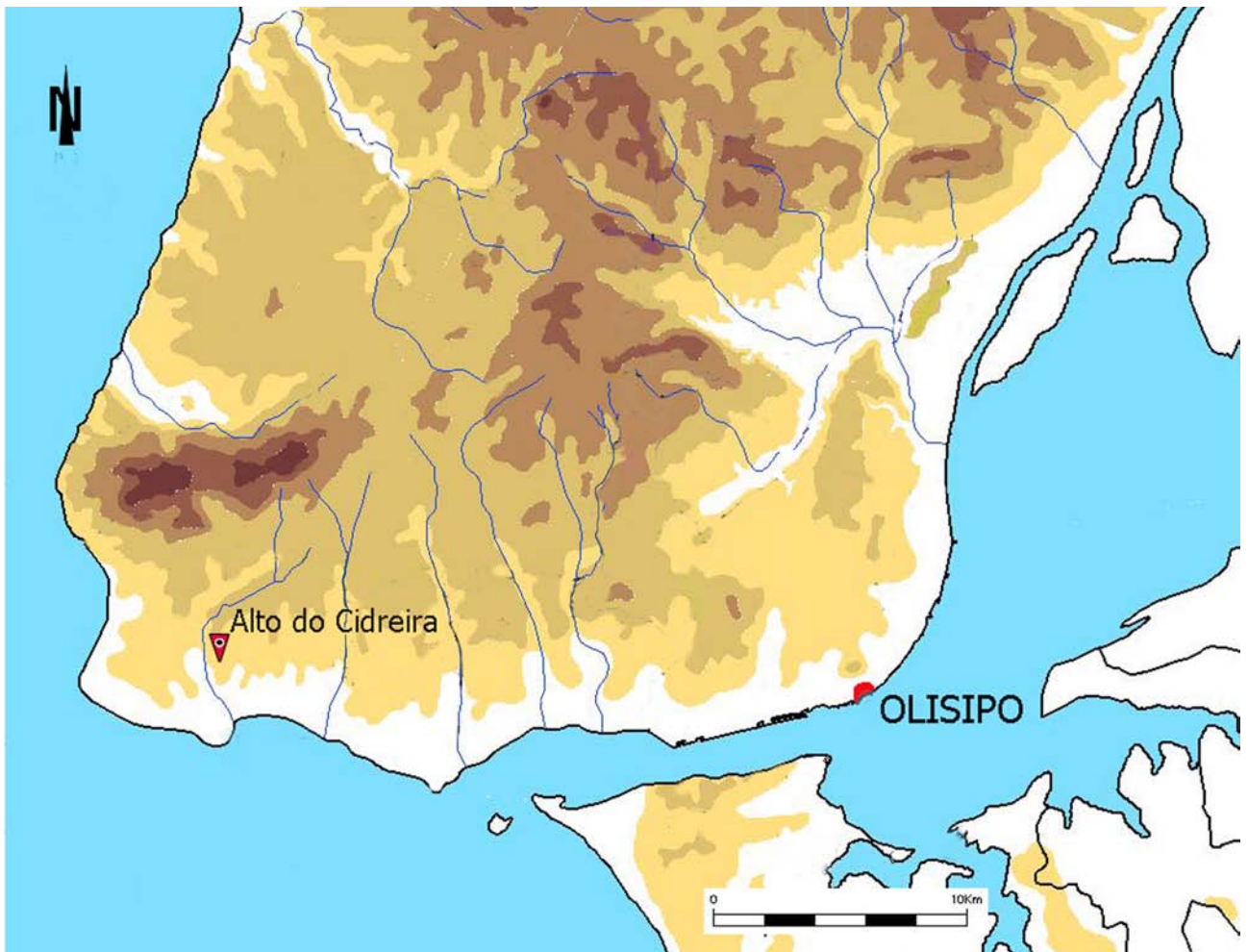


Figura 1
Localização da villa romana do Alto do Cidreira.

inúmeras tesselas e fragmentos de mosaico policromos e a branco e negro, completamente revirados, sem nexos e fora do contexto original, certamente aplicados sobre o piso de *rudus* existente ainda hoje naquela sala, confeccionado com cal, areia e brita de mármore de Porto Covo (Cascais).

As portas de acesso às referidas salas davam para um corredor lajeado que corria paralelo a elas pelo lado nascente, enquanto no lado exterior do edifício, para oriente, se puseram a descoberto os restos de um aqueduto e, sob este, uma cloaca. Um pouco para sudeste identificaram-se as ruínas das termas com um tanque do *frigidarium* (IH'-21) e parte do *hypocaustum* (II'-1 e 2); mais a sul, uma parede a que estava adocada uma sepultura de época tardia com um esqueleto de criança coberto por *imbrex*, no meio dos entulhos do derrube dessa estrutura (II'-16), locais que mantinham a estratigrafia original de abandono. **FIGS. 1-2**

As ânforas

É escasso, mas significativo, o conjunto de fragmentos de ânforas recolhido nas escavações dos anos 80 do século XX, pois abrange um período cronológico compreendido entre o século I d. C. e o século VI/VII d. C., dando uma visão do consumo preferencial dos seus proprietários durante a ocupação do sítio em época romana e na Antiguidade Tardia. Recolheram-se mais de meia centena de fragmentos, dos quais 41 são classificáveis.

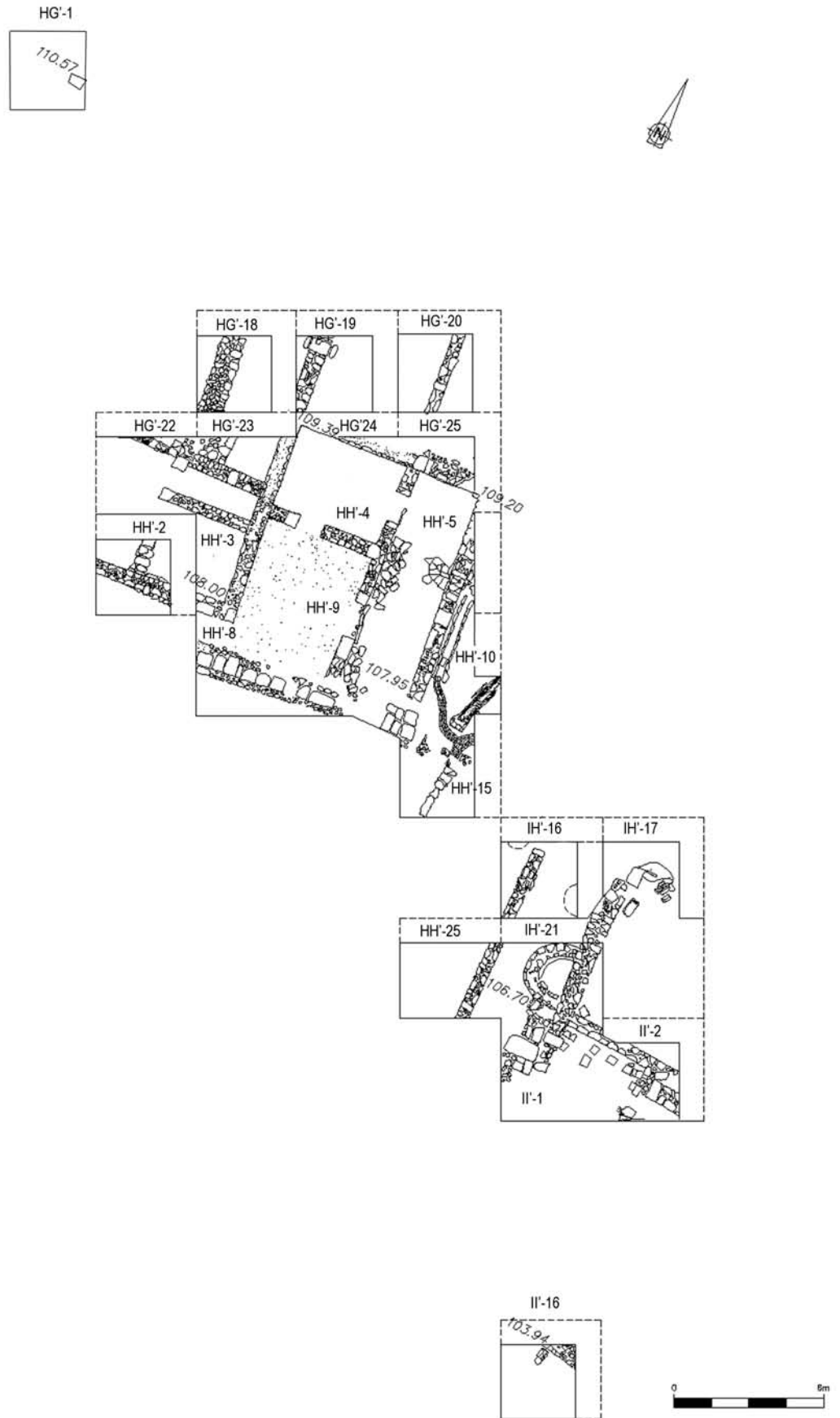


Figura 2
 Planta das ruínas
 romanas do Alto do
 Cidreira, escavações
 de 1980, 1981 e 1982.

Dressel 20

Três fragmentos de asas deste tipo de ânfora, que servia para o transporte de azeite da Bética. Uma das asas apresentava no seu dorso a marca LFFV (n.º 1). Trata-se de uma produção da bacia hidrográfica do Guadalquivir, provavelmente da *figlina* de La Mallena. Na Praça da Figueira, Lisboa, foi recolhida uma marca idêntica, nas escavações de 1999-2001 (Fabião *et alii*, 2016: 44). É uma marca, que para além do seu registo na Lusitânia, apareceu em vários sítios romanos de Espanha, na cidade de Roma e na Alemanha.

Em Villar de Brenes, foi datada da época de Cómodo (Berni Millet, 2008: 246), enquanto outra, proveniente do Monte Testaccio, Roma, está datada de 177-179 d.C.¹



Figura 3
Fotografia da marca
de ânfora LFFV.

Beltrán IIB

Um único fragmento, de bordo, apresenta a característica forma em voluta (n.º 2). Este tipo de ânfora foi fabricado nas olarias da zona de Cádiz e serviu para envasar conservas de peixe no período de 50-225 d. C. (García Vargas, Bernal e Díaz Rodríguez, 2016: Fig. 5).

Dressel 14

É o mais característico tipo de ânfora produzido na Lusitânia durante o Alto Império, desde o principado de Cláudio aos inícios do século III. Serviu essencialmente para o transporte de derivados piscícolas.

Trata-se de uma forma que evoluiu a partir da Dressel 7/11, pelo que se confundem as duas produções, atribuindo-se habitualmente a classificação da forma Dressel 14 precoce às ânforas do tipo Dressel 7/11, de lábio anelar.

Pelas pastas que apresentam, todos os exemplares recolhidos na *villa* do Alto do Cidreira são provenientes de olarias da bacia do rio Tejo ou do Sado. Apresentam a característica boca ligeiramente esvasada, com um lábio mais ou menos arredondado mas sempre boleado (nos 3-5).

No mesmo estrato do exemplar n.º 3 foi recolhido um fragmento de prato de TSSG Dragendorff 15/17, datável dos inícios dos Flávios (Nolen, 1988: 74). Por sua vez, o fragmento n.º 5 estava junto a um fragmento de bordo de taça de TSH Dragendorff 33, de época tardia.

¹ Agradecemos a José Remesal Rodríguez esta indicação.

Lusitana 3

Inicia-se, no século II, nas *figlinae* do Baixo Tejo e do Baixo Sado, o fabrico de ânforas do tipo Lusitana 3, semelhante às ânforas gaulesas do mesmo período. Foi uma forma utilizada basicamente para o transporte de vinho lusitano (Diogo e Alves, 1988-1989: 230). Recolheram-se fragmentos de 12 exemplares, com algumas ressalvas, visto que só existem pequenos fragmentos dos bordos e quatro pés, o que torna difícil classificar com exactidão este tipo de ânfora, que se confunde facilmente com o tipo Almagro 51c, quando não temos exemplares completos (n.ºs 6-14).

Escavações efectuadas na bacia hidrográfica do rio Guadalquivir revelaram uma forte presença deste tipo de ânfora em diversos contextos selados, nomeadamente no sítio arqueológico do Pátio de Banderas del Real Alcázar (Sevilha), em estratos do século II a inícios do III (García Vargas, 2016).

Almagro 51c

Durante o Baixo-Império, apareceram novos modelos de ânforas, que, por razões económicas ou devido ao gosto da época, passaram a ser utilizados maioritariamente na Lusitânia e na Bética: ânforas de pequeno porte e gargalo estreito para o transporte de conservas à base de peixe.

Recolheram-se dez exemplares, que têm origem na Lusitânia (n.ºs 15-22). Um dos fragmentos apresenta a parede externa com engobe branco, característico das produções da *figlina* da Quinta do Rouxinol. Foram recolhidos exemplares completos na Rua de S. Julião, em Lisboa (Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013: 756), idênticos aos da produção da subfase 2.2, da referida Quinta do Rouxinol, datada de 350-400 d. C. (Santos, Raposo e Quaresma, 2015: 139 e 141).

Recolheram-se, ainda, dois pequenos fragmentos de ânforas da Bética (n.ºs 23 e 24) que pelas suas características, atribuímos, com muitas dúvidas, a esta forma.

Keay 25P

No quadrado HH-4, recolheu-se, no estrato II, um fragmento de boca de ânfora africana do tipo Keay 25P (n.º 25) que se caracteriza pela sua pasta calcária (Remolà Vallverdú, 2000: 132). É um contentor que servia habitualmente para o transporte de azeite ou de derivados piscícolas. Este tipo de ânfora encontra-se datado dos finais do século IV, inícios do V (Remolà Vallverdú, 2000: 133) ou desde o século IV até meados do V (Keay, 1984: 195).

Keay 53B

Deste tipo temos um pequeno fragmento de bordo vertical (n.º 26). Trata-se da LRA 1, tipo de ânfora da Antiguidade Tardia produzido desde os finais do século V até ao século VII, sendo utilizado habitualmente no transporte de azeite da zona oriental do Mediterrâneo (Keay, 1984: 268-278). No entanto, uma variante desta forma recolhida em Tarraco apresenta nos *tituli picti*, uma provável abreviatura de $\pi\acute{\alpha}\sigma\sigma\nu$, vinho em resina (Remola Vallverdu, 2013: 315).

De Conimbriga, um exemplar semelhante (Alarcão, 1976: 75, 77, Pl. XIX, n.º 65).

Lusitana 9

Três pequenos fragmentos com arranque das asas (n.^{os} 27-29)

As produções da subfase 2.2 a 2.4, da Quinta do Rouxinol, donde se exumaram exemplares da Lusitana 9, têm datações compreendidas entre 350 e 425+ d. C. (Santos, Raposo e Quaresma, 2015: 144).

Dois exemplares foram recolhidos junto a um fragmento de ânfora LRA 1B e a um fragmento de prato covo da forma Hayes 103 B, com uma cronologia de 500-575 (Nolen, 1988: 86).

LRA 1B

Deste tipo de ânfora recolheu-se um fragmento de boca com o lábio perlado e cozedura semi-redutora. É uma forma produzida no lado oriental do Mediterrâneo durante os séculos V a VII d. C., sendo proposta a sua utilização para vinho, no caso dos módulos mais pequenos, sendo os maiores para azeite (Remola Vallverdu, 2013: 313 e 314).

Juntamente a este estavam dois fragmentos de ânforas Lusitanas 9 e um fragmento de prato covo da forma Hayes 103 B, com uma cronologia de 500-575 (Nolen, 1988: 86).

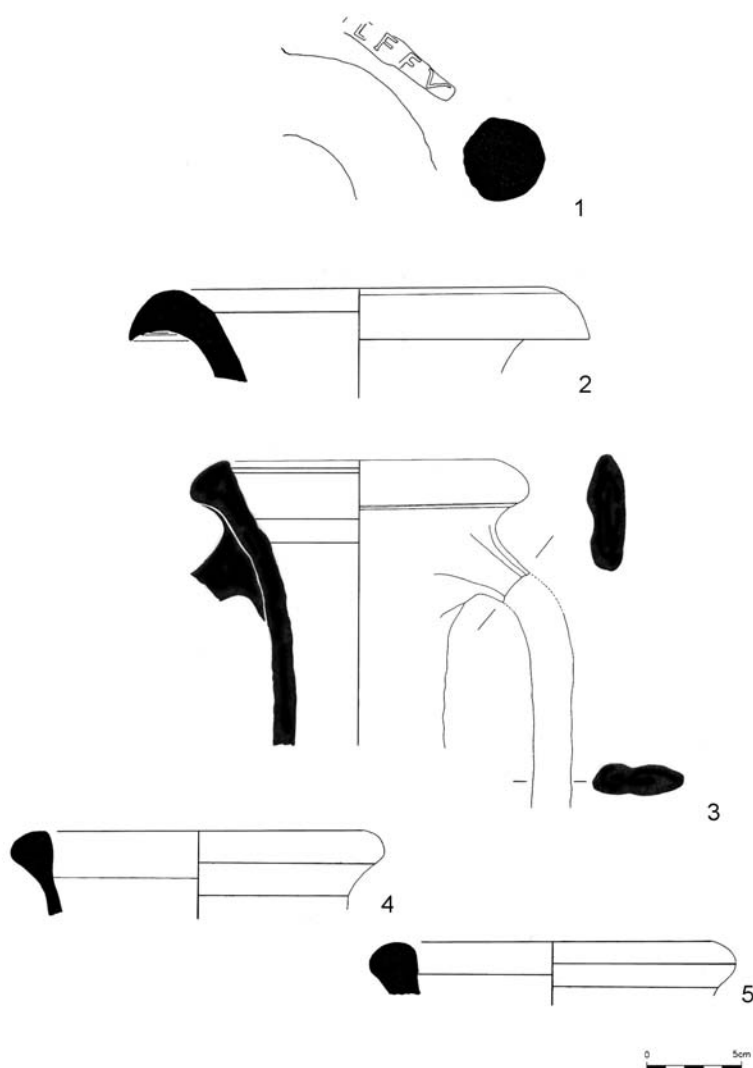


Figura 4

Ânforas:

1 – fragmento de asa

do tipo Dressel 20,

com a marca LFFV;

2 – Fragmento de

boca do tipo Beltrán

IIB;

3-4 – fragmentos de

bocas do tipo Dressel

14.

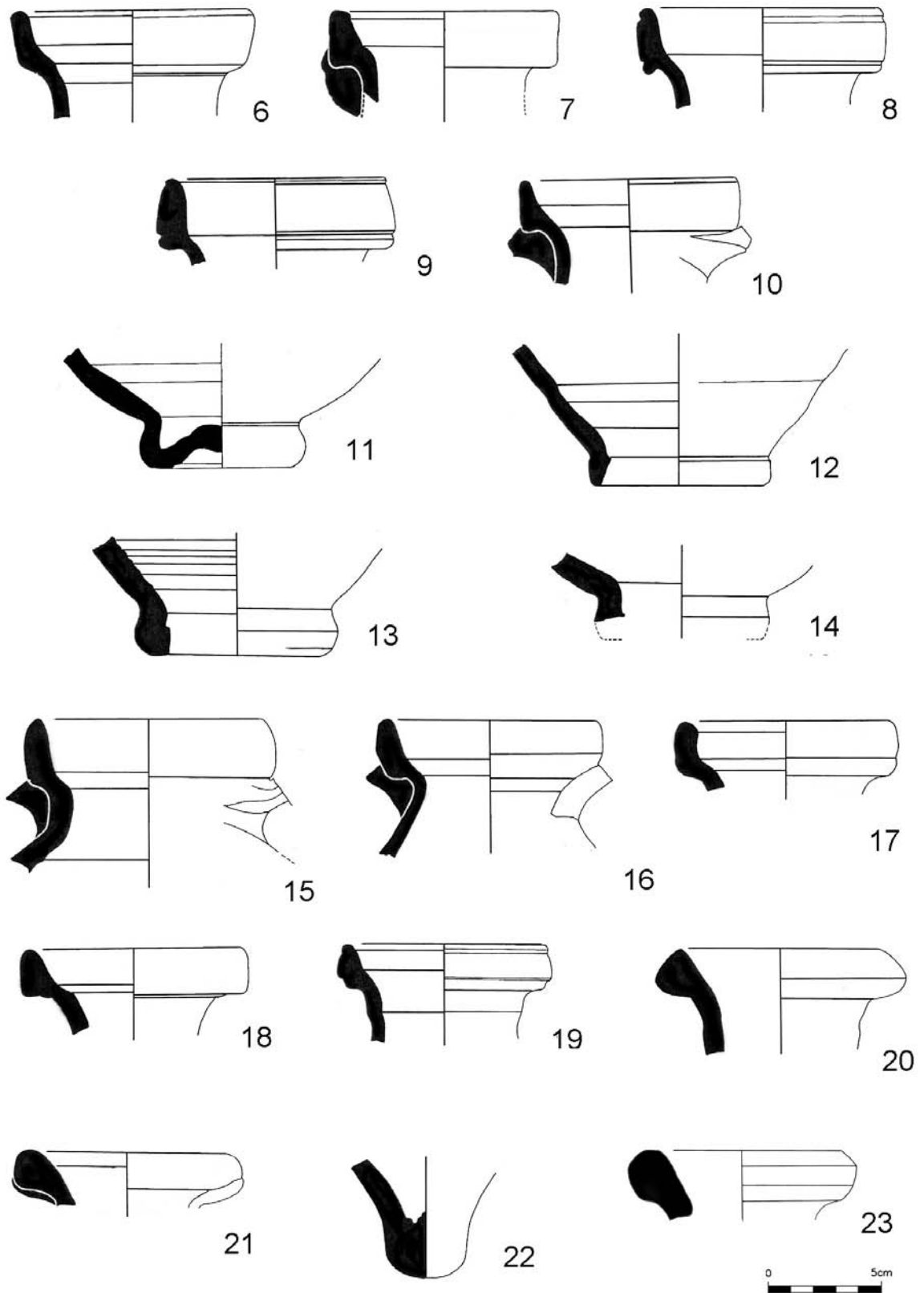


Figura 5

Ânforas:

6-14 – Lusitana 3;

15-22 – Almagro 51C,

lusitana;

23 – Almagro 51C,

Bética.

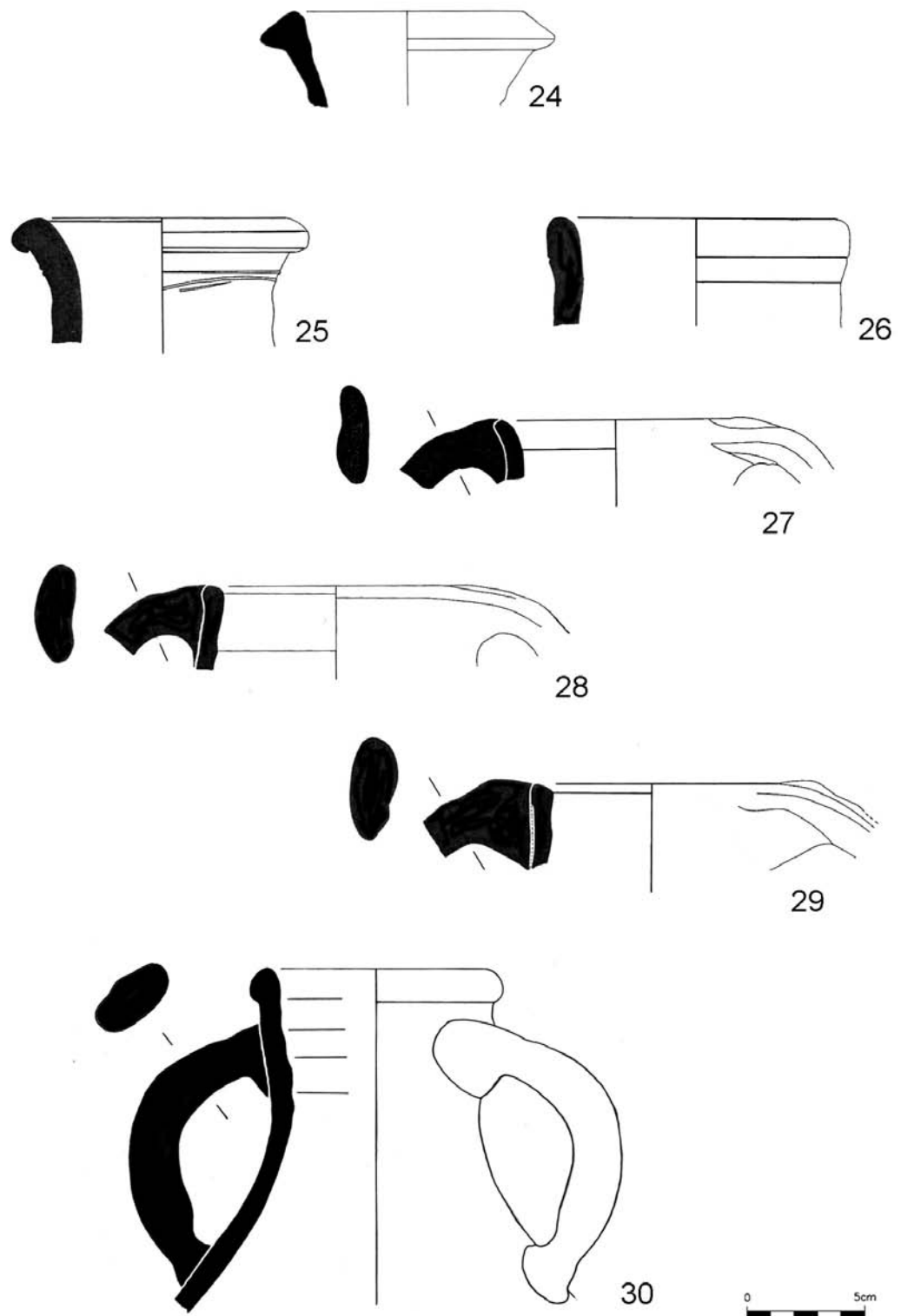


Figura 6

Ânforas:

24 – Almagro 51c (?),
Bética;

25 – Keay 25P;

26 – Keay 53B;

27-29 – Lusitana 9;

30 – LRW 1B.

Conclusões

A análise das ânforas recolhidas na área da *pars urbana* da *villa* do Cidreira possibilitou saber-mos, mais uma vez, que foi essencialmente habitada no século I d. C., ocupação que perdurou até aos séculos VI/VII.

A análise das ânforas permite-nos concluir que aí, durante o Alto Império se consumiram pastas de peixe da Lusitânia e da Bética, vinho da Lusitânia e azeite da Bética. Verifica-se, no Baixo-Império, um aumento do consumo dos derivados piscícolas da Lusitânia e menor consumo dos produtos originários da Bética, transportados em contentores do tipo Almagro 51c.

Durante o período tardo-romano, o azeite provinha do Norte de África, enquanto da área do Mediterrâneo Oriental chegava provavelmente o vinho produzido nas costas da Cilícia e Síria Setentrional ou da ilha de Chipre.

CATÁLOGO

1 – Inv. n.º 49. GH²-1(3).

Fragmento de asa de ânfora Dressel 20. Apresenta a marca LFFV. Pasta siliciosa de cor de rosa (Munsell: 2.5YR7/8). Diâmetro da asa: 70 mm. Bética.

2 – Inv. n.º 7. GI²-área(1).

Fragmento de bordo em voluta de ânfora do tipo Dressel 38. Pasta fina siliciosa, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 5/6); e. n. p. moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 248 mm. Bética.

3 – Inv. n.º 2. HG²-10(1).

Fragmento de boca e asa de ânfora do tipo Dressel 14. Pasta de grão médio, foliácea, cor bege (Munsell: 2.5YR 6/6); e. n. p. óxidos de ferro castanhos e vermelhos, moscovite, quartzo leitoso, fumado e róseo. Diâmetro externo do lábio: 164 mm. Tejo/Sado.

4 – Inv. n.º 21. HG -24(4).

Pequeno fragmento de bordo de ânfora Dressel 14. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha (Munsell: 2.5YR 5/4); e. n. p. moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 202 mm. Tejo/Sado.

5 – Inv. n.º 3. HG²-23 (3).

Pequeno fragmento de bordo de ânfora Dressel 14. Pasta de grão médio, foliácea, cor laranja (Munsell: 2.5YR 6/8); e. n. p. óxido castanho e negro, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio 198 mm. Tejo/Sado.

6 – Inv. n.º 17. GH²-1(2).

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha (Munsell: 5YR 5/3); e. n. p. óxido vermelho, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 108 mm. Tejo/Sado.

7 – Inv. n.º 11. HH²-5SE.

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio dura, foliácea, cor laranja (Munsell: 2.5YR 6/8); e. n. p. óxido negro e quartzo leitoso. Diâmetro externo do lábio: 102 mm. Tejo/ Sado.

8 – Inv. n.º 18. GH²-1(2).

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor bege (Munsell: 2.5YR 5/8); e. n. p. óxido vermelho, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio 110 mm. Tejo/ Sado.

9 – Inv. n.º 47. GH²-1(3).

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor bege (Munsell: 2.5YR 5/8); e. n. p. moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 116 mm. Tejo/ Sado.

10 – Inv. n.º 20. HH²-25(1).

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 5/6); e. n. p. moscovite, quartzo leitoso, fumado e róseo. Diâmetro externo do lábio: 98 mm. Tejo/ Sado.

11 – Inv. n.º 7. Zona do polícia (1).

Fragmento de pé do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor vermelha acastanhada (Munsell 2.5YR 6/6); e. n. p. óxido de ferro vermelho, biotite finíssima, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro do pé: 74 mm. Tejo/Sado.

12 – Inv. n.º 68. HH²-25(2).

Fragmento de pé do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor bege (Munsell: 2.5YR 5/8); e. n. p. quartzo leitoso e fumado. Diâmetro do pé: 81 mm. Tejo/Sado.

13 – Inv. n.º 69. HH²-25(2).

Fragmento de pé do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio dura, foliácea, cor laranja escura (Munsell: 5YR 6/8); e. n. p. óxidos de ferro castanhos, moscovite finíssima, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro do pé: 90 mm. Tejo/ Sado.

14 – Inv. n.º 67. HH²-25(2).

Fragmento de pé do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor bege (Munsell: 2.5YR 5/8); e. n. p. quartzo leitoso e fumado. Diâmetro do pé 77 mm. Tejo/Sado.

15 – Inv. n.º 64. HH²-25(2).

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio dura, foliácea, cor laranja (Munsell: 2.5YR 6/8); e. n. p. óxido de ferro vermelho, moscovite finíssima, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 112 mm. Tejo/Sado.

16 – Inv. n.º 19. HH²-25(1).

Fragmento de boca, colo e asas, do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor laranja (Munsell: 2.5YR 6/8); e. n. p. óxido de ferro vermelho, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 102 mm. Tejo/Sado.

17 – Inv. n.º 39. IH²-21(2).

Fragmento de boca do tipo Lusitana 3. Pasta de grão médio, foliácea, cor bege (Munsell: 2.5YR 5/8); e. n. p. óxido vermelho, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio 100 mm. Tejo/Sado.

18 – Inv. n.º 4. II²-16(2).

Fragmento de boca do tipo Almagro 51c. Pasta de grão médio, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 5/6); e. n. p. óxido vermelho, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 102 mm. Tejo/Sado.

19 – Inv. n.º 65. HH²-25(2).

Fragmento de boca do tipo Almagro 51c. Pasta de grão médio dura, cor laranja (Munsell: 2.5YR 6/8); e. n. p. óxido negro e quartzo leitoso. Diâmetro externo do lábio 95 mm. Tejo/Sado.

20 – Inv. n.º 38. IH²-21(2).

Fragmento de boca do tipo Almagro 51c. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 5/6); e. n. p. óxido de ferro vermelho, moscovite finíssima, quartzo leitoso. Diâmetro externo do lábio: 112 mm. Tejo/Sado.

21 – Inv. n.º 14. HG²-25(2).

Fragmento de boca do tipo Almagro 51c. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha-clara (Munsell: 5YR 6/4); e. n. p. moscovite e quartzo leitoso. Diâmetro externo do lábio: 101 mm. Tejo/Sado.

22 – Inv. n.º 17. IH³-12(2).

Fragmento de pé do tipo Almagro 51C. Pasta de grão médio, foliácea, cor laranja (Munsell: 2.5YR 5/6); e. n. p. quartzo leitoso. Diâmetro do pé: 37 mm. Tejo/ Sado.

23 – Inv. n.º 15. FG-14(2) 80/82.

Fragmento de bordo do tipo Almagro 51c (?). Pasta de grão fino, dura, cor bege (Munsell: 7.5YR 7/4); e. n. p. calcite, óxido de ferro castanho, moscovite finíssima e quartzo fumado. Diâmetro externo do lábio: 100 mm. Bética.

24 – Inv. n.º 12. IH-16(2).

Fragmento de boca do tipo Almagro 51c (?). Pasta de grão fino, dura, de dupla cor, exterior bege (Munsell: 2.5YR 6/4), cerne cinzento (Munsell: 5YR 5/1); e. n. p. calcite, óxido de ferro vermelho, moscovite, quartzo fumado, leitoso e hialino. Diâmetro externo do lábio: 124 mm. Bética.

25 – Inv. n.º 6. HH³-4(2).

Fragmento de boca com pequena aba, do tipo Keay XXVP. Pasta de grão médio, cor laranja (Munsell: 2.5YR-6/8); e. n. p. calcário e quartzo fumado. Diâmetro externo do lábio: 128 mm. África.

26 – Inv. n.º 11. II³-1(bq. E).

Fragmento de boca de lábio cilíndrico, do tipo Keay 53B. Pasta de grão médio, cor laranja (Munsell: 2.5YR6/8); e. n. p. óxido de ferro vermelho, moscovite, quartzo leitoso, fumado e róseo. Diâmetro externo do lábio: 130 mm. África.

27 – Inv. n.º 4. II³-1(2).

Fragmento de bordo e asa de ânfora tipo Lusitana 9. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 5/6); e. n. p. óxido de ferro vermelho, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 104 mm. Tejo/Sado.

28 – Inv. n.º 15. IH³-17(3).

Fragmento de bordo e asa de ânfora tipo Lusitana 9. Pasta de grão médio, foliácea, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 6/6); e. n. p. óxido de ferro vermelho escuro, moscovite, quartzo leitoso, fumado e róseo. Diâmetro externo do lábio: 114 mm. Tejo/Sado.

29 – Inv. n.º 5. II³-1(2).

Fragmento de bordo e asa de ânfora tipo Lusitana 9. Pasta de grão fino, cor castanha avermelhada (Munsell: 2.5YR 6/6); e. n. p. óxido de ferro vermelho escuro, moscovite, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 104 mm. Tejo/Sado.

30 – Inv. n.º 12. II³-1(banq. E).

Fragmento de bordo e asa de ânfora tipo LRA 1B. Pasta de grão médio, cor avermelhada escura (Munsell: 2.5YR 4/8); e. n. p. óxido de ferro vermelho escuro, biotite finíssima, quartzo leitoso e fumado. Diâmetro externo do lábio: 108 mm. Mediterrâneo Oriental?

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1976) – Céramiques communes d'importation. In Jorge Alarcão e Robert Etienne (dir.) *Fouilles de Conimbriga*. VI. Céramiques diverses et verres: Diffusion E. de Boccard, Paris, p. 71-77.
- ALMEIDA, R. R. de; FILIPE, V. (2013) – 50 anos depois: As ânforas romanas da Praça da Figueira (Lisboa). In José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves (Eds.) *Arqueologia em Portugal 150 anos*: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, p. 737-745.
- AMARO, C.; MANSO, C. R.; SEPÚLVEDA, E. de (2013) – Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves (Eds.) *Arqueologia em Portugal 150 anos*: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, p. 755-763.
- ANTONELLI, S.; MENOZZI, O. (2014) – Late roman coarse ware and amphorae from Cyrenaica (Líbia): The case of Lamluda. In *LRCW 4 Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry. The Mediterranean: a market without frontiers*. Volume I. BAR International Series 2616 (I), Oxford, p. 885-895.
- BERNAL, D.; SÁEZ, A. M.; MONTERO, R.; DÍAZ, J. J.; SÁEZ, A.; MORENO, D., e TOBOSO, D. (2005) – Instalaciones fluvio-marítimas de drenaje con ánforas romanas: a propósito del embarcadero Flavio del Caño de Sancti Petri (San Fernando, Cádiz). *SPAL*. 14. Sevilla, p. 179-230.
- BERNI MILLET, P. (2008) – Epigrafia anfórica de la Bética: Nuevas formas de análise. *Instrumenta*. 29. Barcelona, p. 245 e 246, Fig. 121, n.º 5.
- BERROCAL CAPARRÓS, Mª del C. (2012) – Producciones anfóricas en la costa meridional de Carthago-Spartaria. In Darío Bernal Casasola, Albert Ribera i Lacomba (Eds. científicos) *Cerámicas hispanorromanas II Producciones regionales*. Cádiz, p. 255-277.
- CARDOSO, G. (2009) – Ânforas. In BATALHA, L. et al. [coord.]. *AVilla Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*: Edição de EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA. Lisboa, p. 63-88.
- CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. d'; NOLEN, J. (1982) – A villa romana do Alto do Cidreira, em Cascais. *Arquivo de Cascais*. 4. Cascais, p. 9-27.
- DIOGO, A. D.; ALVES, F. J. S. (1988-1989) – Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 6/7. Lisboa, p. 227-240.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A.; ALMEIDA, J.; ALMEIDA, R. R. de; PIMENTA, J.; FILIPE, V. (2016) – *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida)*. In FABIÃO, C. e GUERRA, A. (dir.) *Corpus Internationale des Timbres Amphoriques (Fascicule 19)*. Union Academique Internationale/ Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa.
- GARCÍA VARGAS, E. (2016) – Amphora Circulation in the Lower Guadalquivir Valley in the Mid Imperial Period: the Lusitana 3 Type. In PINTO, I. V., ALMEIDA, R. R. de, e MARTIN, A. (eds.) *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*. 10: Oxford, p. 285-298.
- GARCÍA VARGAS, E.; BERNAL, D. C.; DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2016) – Beltrán IIB (Baetica coast). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/beltran-iib-baetica-coast>).
- NOLEN, J. U. S. (1988) – A Villa Romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os Materiais. *Conimbriga*. XXVII. Coimbra, p. 61-140.
- OLIVEIRA, F. de P. e (1888/92) – Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*. Tomo II. Fascículo I. Lisboa, p. 85-92.
- REMOLA VALLVERDU, J. A. (2013) – Ânforas Orientales Tardías en Tarraco (Siglos V-VII). In María Paz de Hoz e Gloria Mora (Eds.) *El Oriente Griego en la Península Ibérica Epigrafía e Historia, Bibliotheca Archaeologica Hispana*. 39. Real Academia de la Historia: Madrid, p. 307-330.
- REYNOLDS, P. (2015) – From Vandal Africa to Arab Ifrīqiya: Tracing Ceramic and Economic Trends through the Fifth to the Eleventh Centuries. In Susan T. Stevens and Jonathan P. Conant (eds.). *North Africa under Byzantium and Early Islam*: Washington, D. C., p. 129-171.
- SANTOS, C.; RAPOSO, J.; QUARESMA, J. C. (2015) – Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In QUARESMA, J. C., e MARQUES, J. A. (coord.) *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. *Monografias AAP*. 1. Lisboa, p. 117-148.